

António da Silva Cardoso

03Fev1928 > 13Jun2014



Nasceu na aldeia de Pedreira, freguesia do concelho de Tomar.

Em Set1947 ingressa na Escola Naval.

No ano seguinte, faz uma viagem aos EUA a bordo do navio-escola "Sagres", visitando Cabo Verde pela primeira vez.

Em Jul50 conclui o curso da Escola Naval.

– «Não se esquece a atitude dos locais [autóctones africanos] ao longo da picada quando, em 1950 na viagem de guarda-marinhas [no "Bartolomeu Dias"], nos deslocámos de Cotonou no Benim até à fortaleza de São João Baptista de Ajudá, face às populações que viviam nas imediações da fortaleza, que vieram ao nosso encontro e tinham adoptado nomes de portugueses. Ainda nessa mesma viagem, durante uma estadia no porto de Luanda, constava do programa uma visita às minas de diamantes na Lunda. Até Malanje seguimos de comboio e a partir desta localidade de autocarro numa viagem que levou mais de dois dias. Aconteceu que em qualquer local onde se fizesse uma paragem, normalmente um aldeamento (sanzala) de nativos, de imediato éramos envolvidos por esta gente que, por todos os meios, nos procurava acolher com manifestações de bons anfitriões dentro da modéstia das suas vidas. Comparecia sempre a autoridade gentílica da área com ofertas de peças do seu artesanato para assinalar a nossa passagem por aquelas paragens. Tudo era feito duma forma natural e amistosa sem qualquer sinal de subserviência. Importa frisar que esta atitude não foi excepção num ou noutro local, mas sistemática em todos os pontos onde parámos. [...] Todos aqueles que tiveram o privilégio de contactar com as populações de África, de toda a África, têm as suas histórias do contacto com estas gentes e todas elas são marcos, são indicadores positivos do relacionamento humano entre portugueses e povos de outras raças e culturas.»

Em 01Out51 é promovido a segundo-tenente.

– «Após a promoção a segundo-tenente, fôra colocado como imediato do draga-minas São Miguel cujas caldeiras ainda funcionavam a carvão. Um dia de Fevereiro de 1952, três navios da mesma família tinham saído para o mar a sul de Sesimbra, para executar exercícios de rocega de minas. O mau tempo que se levantou obrigou-nos a refugiar no porto de Setúbal. Uns dias mais tarde, quando a tempestade parecia amainar, o Santa Maria atracou ao pequeno cais». «Brilhante Paiva era um homem sisudo com cara de poucos amigos e que [já general em Ago63 no comando da 2ªRA-Angola] recordava ter visto pela primeira vez na Base Aérea de Sintra em 1952 como capitão».

Em 1953-54 frequenta o "Pilot Training Course", na base dos marines em Cherry Point na Carolina do Norte.

Em 01Out55 é promovido a capitão piloto-aviador, integrado nos quadros da Aeronáutica Militar com o nr.00053-B e colocado na BA1-Sintra, tendo como comandante o coronel Albuquerque de Freitas.

«Em 1957», o «comandante Smith» oferece-lhe, na base dos *marines* em Cherry Point, um «fato de vôo».

Regressado a Portugal com uma esquadrilha de bimotores Lockheed PV-2 "Harpoon", destinados à participação de Portugal no quadro da NATO, é colocado na BA6-Montijo como comandante da Esquadra de 14 PV-2.

– «Em 1960 tomei a decisão de integrar os quadros da Força Aérea e deixar definitivamente a Marinha: a principal razão ou determinante que me conduziu a esta viragem, foi o gosto e a paixão pelo vôo».

É casado (com Luísa); e tem dois filhos (Ana Maria e António).

Em 1960, conclui no IAEM o curso geral de Estado-Maior.

Em 28Jun60 é promovido a major, iniciando na BA6 a instrução de pilotos para os bimotores P2V-5 Neptune recém-vindos da Holanda.

Na madrugada de 18Nov60, comanda uma esquadra de 8 PV-2 que se desloca do Montijo para Luanda, onde chega ao fim da manhã de 24: no dia 26 regressa a Lisboa; e em 29 apresenta o relatório da missão ao comandante da BA6, ali retomando as funções de piloto instrutor dos P2V-5.

Na madrugada de 28Jan61 comanda uma esquadrilha de 3 PV-2, da BA6-Montijo para o aeroporto de Bissalanca (Bissau): um dos bimotores fica em serviço na Guiné; e em 28Fev61 regressa com os restantes à origem.

Na noite de 16Mar61, recebe na BA6 um telefonema oriundo da sua aldeia natal (Pedreira):

– «Perguntavam-me se eu tinha tido conhecimento de que "estavam a matar todos os brancos de Angola!". Tinham lá familiares muito próximos, estavam altamente preocupados e não conseguiam saber o que se passava.»

Na madrugada de 27Mar61, comanda uma parelha de P2V-5 com destino à BA9-Luanda: faz escala em Bissau e ao fim da tarde seguinte chega a Luanda.

Em 29Mar61 apresenta-se ao comandante da base, tenente-coronel Pereira Vaz, e nessa tarde executa a sua primeira missão de *ReVis*, como segundo-piloto de um PV-2 tripulado pelo comandante do grupo operacional 901-BA9 tenente-coronel Diogo Neto, sobrevoando durante 4 horas e a baixa altitude a partir do Úcua (Quibaxe, Vista Alegre, Aldeia Viçosa e Quitexe), a região dos Dembos afectada pelo terrorismo.

Na manhã de 31Mar61, tripula o PV-2 4619 acompanhado pelo citado comandante de grupo e executa, sobre uma sanzala sublevada a poucos quilómetros sul de Quimbele, a sua primeira missão operacional no noroeste de Angola com o lançamento de 8 bombas "General Purpose" de 500 libras e 8 foguetes de 5 polegadas de cabeça perfurante.

Em 02Abr61 tripula o P2V-5 4706 e dirige-se para o sul de Angola num vôo que o leva até ao Cuando-Cubango, regressando à BA9 após 12 horas de vôo.

Ao fim da manhã de 06Abr61 executa num PV-2 e durante 4 horas o *ReVis* do itinerário Uíje, Songo, Mucaba e 31 de Janeiro.

Na manhã de 13Abr61 executa num PV-2 uma missão operacional sobre uma sanzala a 10km sul de Sanza Pombo, povoação que na noite de véspera havia sido atacada por terroristas.

Em 16Abr61 faz outro vôo operacional em PV-2 sobre o itinerário Bungo, 31 de Janeiro e Damba, localizando a cerca de 13km oeste de 31 de Janeiro, a sanzala Quimata ocupada por cerca de 30 terroristas da UPA armados e fardados com calções e camisa de zuarte azul, procedendo ao corte da picada com abatizes e valas, sendo o grupo terrorista dizimado com projecteis de metralhadora e bombas.

Em 28Abr61 volta a tripular o P2V-5 4706 e com a tripulação (entre esta o sargento mecânico Manuel Janeiro Gonçalves), procede durante a manhã a um *ReVis* sobre o enclave de Cabinda e no início da tarde regressa à origem.

Na manhã de 29Abr61 tripula um PV-2 num *ReVis* prolongado sobre a região de Sanza Pombo, Santa Cruz e margem esquerda do Cuango, regressando ao princípio da tarde à origem.

Às 21:00 de 29Abr61 levanta da BA9 com o PV-2 4606, em missão de socorro aos sitiados de Mucaba e regressa à origem pouco após as 02:00 de 30Abr61 sem ter logrado avistar a localidade devido ao denso cacimbo.

Em 08Mai61 executa o seu último vôo operacional, tripulando um PV-2 em *ReVis* sobre a região do Bungo e serra da Mucaba.

Na manhã de 10Mai61 regressa à Metrópole com escala em Bissau, onde chega às 19:00.

E ao fim da manhã de 11Mai61, aterra na BA6-Montijo e termina a missão que o havia levado a Angola.

Semanas depois desloca-se a uma base aérea no sul da Holanda, de onde tripula para o Montijo *«mais um P2V-5 dos doze que estavam previstos para equipar a nova Unidade Aérea de luta anti-submarina.»*

Em 06Jun61 é nomeado para prestar serviço em Angola, em 23Jun61 chega à BA9-Luanda e assume funções de comandante da Esq91.

Em 20Jul-09Ago61 tripula diariamente um PV-2, em missão operacional de apoio à progressão do BCac96 entre a ponte do rio Luíca (a norte de Quibaxe) e Nambuangongo.

Entretanto na manhã de 08Ago61, faz um vôo operacional com o PV-2 4621 a São Salvador do Congo, levando como segundo-piloto o civil Carlos Mendes.

Em 13Ago61 aterra em Nambuangongo *«na pista improvisada na sua rua principal, a bordo dum "Piper-Cub" pilotado pelo Carlos Mendes, funcionário dos quadros administrativos de Angola e que estava na BA9 como colaborante. Pela primeira vez um avião aterrava, nesta terra bem no centro [i.e, noroeste] da região dos Dembos.»*

Em 14Out61 comanda uma esquadrilha de 3 PV-2, num ataque a um quartel da UPA instalado no topo norte da serra da Cananga: a acção de bombardeamento é precedida por ataque ao solo executado por 4 caças-jacto F84-G da Esq93/BA9, sob comando do major pilav Francisco Dias da Costa Gomes; mas o 4º aparelho, tripulado pelo tenente pilav António Seabra Dias, despenha-se sobre o alvo.

Em meados do 1º trimestre de 1962, passa a comandar o Grupo Operacional 901 (sendo comandante da BA9 o coronel Galvão de Melo).

Em 10Jun62 em Luanda é condecorado, pelo secretário da Aeronáutica coronel Kaulza de Arriaga, com a Medalha de Prata de Serviços Distintos com palma.

Em 28Abr63 é inaugurada no Luvo pelo GCav345, com a sua presença, a *«pista de aviação Major António da Silva Cardoso»*.

Após ser em 10Jun63, no Terreiro do Paço, condecorado com uma Cruz de Guerra, vai de férias com a sua família, para a sua aldeia natal.

Regressado a Luanda, «em princípios de Agosto de 1963» tripula um DO-27 – acompanhado pelo comandante do BCP21 coronel pára-quedista Alcínio Ribeiro e pelo alferes pilav Alvarenga (que «*tinha acabado de chegar a Angola, fôra colocado no aeródromo do Negaje e aquele tinha sido o seu primeiro contacto com a guerra*» –, e executa uma missão de apoio a uma operação helitransportada do BCP21 nas margens do M'brije.

Durante a acção, o avião é alvejado por terroristas da FNLA e um dos projecteis atinge-o na perna esquerda junto ao joelho: logo após a atribulada aterragem no AM32-Toto, é evacuado em helicóptero para o HM124-Luanda: «*foi um mês de hospitalização e mais um de convalescença antes de poder voltar à actividade aérea, embora começasse logo a ir para o gabinete, no comando da Região*».

No final de Ago63, passa a chefiar a 3ºRep-2ºRA (instalada num edifício ao lado do QG/RMA, na Av. Álvaro Ferreira no centro da cidade).

Em fins de 63 «*e numa determinada segunda-feira*», tripula um DO-27 em acção de ReVis e apoio a partir do Toto, a uma operação «*nas margens do rio M'brije, envolvendo comandos, fuzileiros e pára-quedistas. [...] A operação, do âmbito do comandante-chefe, decorreu conforme o planeado e o inimigo, se existia na área, tinha-se furtado ao contacto*»: no dia seguinte vai a Zala, fazer um ReVis a pedido do capitão comandante da companhia do Exército ali estacionada, e segue para Nambuangongo porque «*ainda tinha de falar com o tenente-coronel Alves Pereira, comandante do batalhão*»; depois segue para Santa Eulália no sopé da encosta do morro 1020, o ponto mais elevado de toda a região do Mucondo, «*onde fôra constituído um destacamento da Força Aérea para apoio do comandante de sector, [...] um aeródromo com capacidade para Nordatlas e PV-2*», cuja pista com 1300mts de terra planada e batida foi construída em apenas três semanas, sob orientação do tenente-coronel de engenharia Alberto Carloto de Castro; e ainda nesse mesmo dia aterra no Mucondo, para uma acção de evacuação de um ferido grave para Luanda.

«*Em meados de Junho de 1964*», é convidado pelo CEMFA general Tiago Mira Delgado para «*exercer funções de adido militar na nossa embaixada em Bona. [...] Poucos dias passados chegou a indicação de que deveria assumir funções em Bona na primeira quinzena de Setembro*».

Em 08Jul64 termina a comissão de serviço em Angola e regressa à Metrópole com a família (mulher e filhos), num DC-6 com escala em Bissalanca, onde aterra às 18:00.

No dia seguinte chega a Lisboa; e em 13Jul64 apresenta-se no EMFA.

Poucos dias depois segue para os EUA, onde faz o curso rápido de «*Economia Política no "Industrial College of the Armed Forces"*».

Em meados de Set64 chega a Bona, como adido de Defesa na embaixada de Portugal, (sendo titular o advogado Manuel José Homem de Melo, que em Ago62 havia publicado um opúsculo em defesa da *tese federalista*; e primeiro-secretário o diplomata Neto Valério, ex-cônsul de Portugal em Salisbúria).

Em Set68 regressa a Lisboa e fica colocado como chefe da 3ºRep/EMFA (sendo CEMFA desde 01Jul67 o seu ex-comandante da 2ºRA general Brillhante de Paiva). É promovido a tenente-coronel e escolhe para seus adjuntos, os dois melhores alunos do recém-concluído Curso Superior de Guerra Aérea, capitão pilav Aleixo Corbal, e capitão pilav Melo Correia; pela 3ºRep, passam também o major pilav Almeida Brito e o capitão pilav Mantovani Borges Filipe (ambos algum tempo depois colocados na ZACVG), e o capitão pilav José Inácio da Costa Martins.

Em 08-20Jan71 integra a comitiva do MDN, que se desloca em visita de trabalho a Angola e a Moçambique; (em meados de Mar71 é empossado o novo CEMFA, general Mário Tello Polleri).

Em fins de Ago71, cessa funções na chefia da 3ªRep/EMFA e volta a Luanda em terceira comissão ultramarina, com a patente de coronel tirocinado e nas funções de CEM-COMRA2 (substituindo o coronel Maia, seu antigo segundo-comandante na BA6), ficando sob as ordens do comandante do COMRA2 general pilav Manuel Simão Portugal; (na chefia da 2ªRep/COMRA2 está o major pilav Augusto Paulo Moura dos Santos, que terminaria a comissão no início de Out71 mas acedeu prorrogá-la; quanto à chefia da 3ªRep, transferiu o seu titular para o comando do AB4-Henrique de Carvalho, passando o respectivo comandante major pilav Aleixo Corbal a chefiar a 3ªRep/COMRA2, onde entre outros presta serviço o capitão pilav José Bernardo Canto e Castro). Pouco depois, procede à remodelação do dispositivo aéreo da ZML, passando a sede do COMSECAR para o AB4, e ficando ambos sob chefia do coronel pilav José Luís de Azevedo Barreto Sachetti, recém-chegado da Metrópole.

No Luso, a Esquadra de AL-III fica sob comando do capitão pilav Custódio Janeiro Santana, transferido da Esq94/BA9.

Em Abr72, apoia a criação da UTCL e a subsequente actividade do CECI sediado no AM33-Toto.

– *«Recordo-me de ter encontrado uma ou duas vezes o [recém-promovido] major [de artilharia Ernesto Augusto] Melo Antunes, em São Salvador no norte de Angola, onde desempenhava [desde data recente] as funções de chefe do Estado-Maior do comando militar [CmdAgr3955] ali sediado, com o qual troquei algumas impressões sobre a actividade operacional desenvolvida na área e da correspondente cooperação da Força Aérea.»*

Em 23Ago72, é agraciado com a Comenda da Ordem Militar de Avis.

– *«A primeira coluna detectada [pelos pisteiros do CECI] aconteceu em [princípios de Maio de] 1973 no início da época do cacimbo. Estava lá o major Corbal que acompanhava os [três] pisteiros [do CECI]. Já ao fim da tarde, estes detectaram um trilho bastante batido e como tal suspeito. Colocados em terra, de imediato constataram que o grupo de abastecimento da FNLA tinha ali passado. [...] Seguiram o trilho enquanto os helis permaneciam no ar, mas do lado oposto ao do seu movimento para não alertarem os guerrilheiros. Mantinham contacto permanente com as aeronaves para acorrerem a qualquer emergência. Afinal tínhamos em terra apenas quatro homens e entre eles o [chefe da 3ªRep/COMRA2 major Aleixo] Corbal. Os pisteiros concluíram que eles tinham passado há muito pouco tempo, horas, e não deviam estar longe. Prosseguindo sempre com o máximo de cuidado para não serem surpreendidos, atravessaram uma mata e ao aproximarem-se da mata seguinte, detectaram o grupo talvez de uns 70 a 80 homens conforme tinha sido previsto pelos pisteiros. Preparavam-se para passar ali a noite e não tinham a mínima suspeita de que estavam a ser observados de muito perto pela nossa patrulha de 4 homens, que decidiu retroceder ao ponto de partida onde foram recuperados pelo helicóptero de transporte e cujo combustível estava nos limites mínimos para chegar ao Toto. Durante a noite foram accionados todos os restantes meios previstos na UTCL com a deslocação para o Toto de helis "Puma" e dois grupos de combate pára-quedistas em aviões "Nordatlas". Julgo que actuaram na manhã seguinte, quando a coluna se encontrava em terreno totalmente aberto e plano para facilitar a actuação das nossas forças. Foram causadas baixas ao inimigo, fazendo-se igualmente muitos prisioneiros e apreendendo-se cerca de 3 toneladas [média de 40kg/homem] de armamento do mais variado tipo, desde armas diversas, munições, minas, granadas de mão e de morteiro e outro equipamento. Esta operação, realizada em tempo recorde e envolvendo um reduzido volume de meios, superou em larga escala o que se tinha conseguido durante todos os anos de guerra naquele teatro de operações, tanto em guerrilheiros abatidos ou capturados como, e principalmente, em material apreendido.»*

Pouco tempo tinha passado quando uma outra coluna foi referenciada e uma acção idêntica teve lugar [em 15-23Mai73] sob o comando directo do tenente-coronel Almendra, que se encontrava na área envolvido numa outra operação. Foi absolutamente espectacular em termos de resultados obtidos e com reflexos altamente negativos no potencial de combate das bases inimigas localizadas na região dos Dembos. Seguiram-se [em Jul73] outras acções dentro do mesmo conceito, acabando por se neutralizar praticamente toda a capacidade de combate da FNLA. [...] Pelas informações recolhidas através das mais diversas fontes e pela sistemática intersecção das mensagens-rádio transmitidas das bases para o comando operacional no Zaire, concluiu-se que no ano de 1973 nenhuma das colunas de abastecimento chegara ao seu destino. Era particularmente sintomático verificar que nenhum dos homens capturados falava português mas francês. [...] Logo que foi possível cortar o abastecimento das bases da FNLA na região dos Dembos, com a acção da UTCL nas margens do rio M'brije, este movimento – como acontecera com o MPLA no Leste –, também deixou de ter capacidade para controlar as populações que tudo faziam para escapar ao seu controle.»

No início de Set73, termina a sua terceira comissão em Angola e regressa a Lisboa.

Em 25Abr74, está no IAEM-Pedrouços a frequentar o curso de Altos Comandos:

– «O telefone tocou cerca das 07:00 da manhã do dia 25 de Abril de 1974 e ainda dormia no quarto 19 do Instituto de Pedrouços do Exército. Saltei da cama e peguei no auscultador. Devia ser engano ou uma brincadeira de mau gosto. Nada disso, era a [minha mulher] Luísa: “Liga a telefonia. As crianças não vão para a escola, parece que há uma revolta!”. Sem desligar, accionei o interruptor do pequeno rádio e imediatamente, ao som duma música que me era desconhecida (Grândola Vila Morena), ouvi palavras de ordem apelando à calma e pedindo aos ouvintes para não saírem de casa. Quando voltei a pegar no auscultador já a ligação tinha sido interrompida ou cortada». O curso do IAEM «terminou de imediato. Fui apresentar-me no EMFA onde, para grande surpresa minha, apareceu um pequeno grupo [i.e, 2 conhecidos] dos ditos “capitães de Abril” [da FAP] a convidar-me e ao [coronel] actual general [António José] Ferreira Valente, para integrarmos a comissão coordenadora do MFA, da Força Aérea. Não aceitámos, já que, do antecedente, eu tinha feito [em Nov73 e pós-16Mar74] uma aproximação sem resultados; naquela altura era demasiado tarde. Julgo que o convite terá ocorrido por considerarem que havia falta de galões naquela comissão, em comparação com as dos outros Ramos. Acabei por ser colocado na prateleira, no Instituto Superior Naval de Guerra, como professor, não estando em funcionamento qualquer curso e onde fiquei até ao dia 14 de Julho.»

Ao fim da tarde de 15Jul74 é nomeado pelo CC/MFA, para seguir de urgência para Luanda a fim de ir substituir o governador-geral general Silvério Marques, mas recusa liminarmente aceitar tal função. E ao fim da tarde seguinte, é recebido na Cova da Moura pelo CEMGFA general Costa Gomes, a quem reitera a sua indisponibilidade para desempenhar aquelas funções políticas.

Em 17Jul74 o chefe-de-gabinete do CEMGFA, informa-o «que seria oportuno avistar-me com» uma delegação do MPLA de visita a Lisboa e com elementos do CC/MFA.

Um dia depois, encontra-se com o chefe da delegação do MPLA Diógenes Boavida e demais comitiva; e logo a seguir com os controleiros do MFA capitão-tenente Contreiras e capitão pilav Canto e Castro.

Em 19Jul74 é-lhe comunicado pelo chefe-de-gabinete do CEMGFA que, por indicação do CEMFA e membro da JSN general Diogo Neto, havia sido nomeado para presidir a uma troika militar que deve seguir urgentemente para Luanda, «a fim de proceder ao levantamento da situação e averiguar dos factores políticos, étnicos ou raciais que estavam na base de toda a agitação que se vivia na capital angolana».

Horas depois, acompanhado pelos outros dois nomeados, é recebido em audiência pelo MCI Almeida Santos que, apesar de muita conversa, não define a sua missão; seguidamente passa pela 5ª Divisão na Cova da Moura e conversa no gabinete do membro suplente da JSN vice-almirante Rosa Coutinho (entretanto nomeado para alto-comissário de Angola), mas este limita-se a informá-lo que «*dentro de alguns dias lá me encontrarei convosco*». Na ocasião, conhece o coronel Varela Gomes.

E «*logo após a meia-noite*» embarca no aeroporto de Lisboa com destino a Luanda, onde chega «*às primeiras horas da manhã do dia 20 de Julho de 1974*», sendo recebido ainda antes do meio-dia no Palácio do Governador pelo cessante governador-geral de Angola. Ao fim da tarde, acompanhado pelos dois outros elementos da troika inquiridora, comparece na Fortaleza de São Miguel para uma reunião do comité local de controleiros do MFA, durante a qual o major Pezarat Correia fala de *assuntos vários*.

Na noite de 22Jul74 comparece no cinema da BA9, onde assiste a uma assembleia-geral do MFA local.

Ao fim da manhã de 25Jul74, integra a oficialidade que recebe no aeroporto de Luanda o recém-empossado presidente da JGA vice-almirante Rosa Coutinho.

No dia seguinte, assiste na Fortaleza de São Miguel a uma reunião do «*comité alargado de controleiros*» do MFA local, sendo «*eleito por unanimidade*» para comandante do COMRA2 e por inerência membro da JGA; cargos em que no dia seguinte é empossado e a partir de 29 passa a desempenhar.

Em 23Ago74 encontra-se pela primeira vez com Savimbi, na mata dos arredores de Cangumbe.

Em meados de Set74 desloca-se a Nova Lisboa, onde preside como comandante do COMRA2 à imposição das bóinas a 28 novos oficiais e sargentos pára-quadistas de recrutamento local, que constituem os quadros da 1ªCCP do BCP22 em formação.

No entanto, dias depois cerca de $\frac{2}{3}$ desertam para o MPLA; e os restantes são imediatamente passados à disponibilidade.

Em 15Out74 reage à indigitação em Lisboa, pela assembleia do MFA, do tenente-coronel pilav Narciso Mendes Dias, para novo CEMFA graduado em general de quatro estrelas, informando o presidente da JGA almirante Rosa Coutinho, da intenção de se demitir das funções de membro da JGA e comandante do COMRA2.

Na manhã seguinte recebe no COMRA2, a visita inesperada dos delegados do CC/MFA major pára-quadista Calheiros e capitão pilav Canto e Castro, enviados durante a noite pelo PR Costa Gomes, a fim de o tentar demover das suas intenções; duas horas depois telefona a Rosa Coutinho, dando-lhe conhecimento da conversa e passado pouco tempo recebe um telefonema do Palácio de Belém, convocando-o com urgência para ali se apresentar.

Viaja imediatamente para Lisboa e ainda no mesmo dia é recebido pelo PR, que lhe reafirma necessitar «*da minha presença em Angola, confiar em mim e nas minhas capacidades*».

Na manhã de 20Out74 regressa a Luanda.

Em 25Out74 desloca-se ao Luso e encontra-se pela 2ª vez nas matas de Cangumbe, com Savimbi.

Ao fim da manhã de 27Out74, integra a delegação da JGA que reúne na escola primária de Cangumbe, com Jonas Savimbi e respectiva comitiva.

Na 1ª semana de Nov74 desloca-se pela 1ª vez a Kinshasa, onde se encontra com o chefe da FNLA Robert Aldane pela primeira vez.

Ao fim da noite de 18Nov74, vai pela segunda vez a Kinshasa conferenciar com a FNLA.

Na manhã de 23Dez74 vai novamente a Kinshasa, como mandatário do PR general Costa Gomes e acompanhado pelo major Arnão Metelo, ali se encontrando pela 3ª vez com o chefe da FNLA e separadamente com o chefe da UNITA. Ambos aceitam o Algarve e o dia 10 de Janeiro, propostos pelo PR, para realizar a cimeira entre os 3 ML's e o Governo Português, com vista às conversações e assinatura dos acordos para a independência de Angola.

Ao regressar a Luanda, é informado por Rosa Coutinho que, por decisão vinda de Lisboa, também tomará parte na cimeira algarvia.

Em 27Dez74 vai pela 4ª e última vez à capital zaireense, acompanhado pelo secretário do MNE Jorge Campinos, falar com o presidente Mobutu sobre a questão dos catangueses que desde há 10 anos se encontram refugiados no leste de Angola.

Em 05Jan75 viaja de Luanda para Lisboa.

Dois dias depois, é recebido pelo PR general Costa Gomes em audiência, durante a qual é convidado para exercer o cargo de alto-comissário de Angola; mas recusa.

Na tarde de 10Jan75, chega ao Hotel da Penina no Alvor e a partir da manhã seguinte, ali participa nas "conversações" relativas à independência de Angola.

Ao princípio da tarde de 13Jan75, é convocado a comparecer no Hotel Algarve na Praia da Rocha, onde é recebido pelo PR general Costa Gomes, que lhe comunica a decisão de o nomear para alto-comissário, com o prévio apoio da UNITA e da FNLA. Nessa noite recebe no Hotel da Penina, um convite para jantar de Agostinho Neto, que conhece pela 1ª vez e que lhe comunica a aceitação do seu nome para alto-comissário no "período de transição".

Na manhã de 15Jan75, é co-subscritor pela parte portuguesas dos "Acordos de Alvor".

No dia 26 em Lisboa, é graduado em general; e dois dias depois no Palácio de Belém, é empossado alto-comissário e comandante-chefe de Angola.

Em 29Jan75 regressa a Luanda.

Dois dias depois, assume as citadas funções.

Em 08Fev75 tripula pela última vez o PV-2 4621, levando-o da BA9 para o aeroporto de Nova Lisboa, onde fica oferecido ao Aeroclube local (cumprindo a sua promessa do final de Ago73); depois regressa à BA9 aos comandos de um B-26 (que no mesmo dia havia seguido para Nova Lisboa tripulado pelo comandante da BA9).

No final de Fev75 recebe no Palácio do Governo, a visita de Agostinho Neto, com quem conversa pela 1ª vez.

Nos 5 meses seguintes promove no palácio do governo-geral de Angola, sucessivas reuniões com o governo transitório, com os chefes dos 3 ML's e com a Comissão Nacional de Defesa, procurando fazer aprovar diversas medidas tendentes a debelar a escalada de confrontos armados, que degeneram finalmente na guerra civil.

Em 28Jun75, aos comandos de um DO-27 da BA9 e acompanhado pelo secretário-geral do alto-comissariado tenente-coronel Gonçalves Ribeiro, tripula pela última vez um avião, fazendo breve sobrevôo pelo vale e foz do Cuanza.

Em 21Jul75, consumado o domínio militar do MPLA sobre a capital de Angola, escreve uma carta ao PR general Costa Gomes, a quem apresenta a demissão dos cargos de alto-comissário e CCFAA. No dia seguinte recebe um telefonema do PR, que lhe diz não aceitar a demissão.

Mas em 25Jul75, após mais uma "jogada" de oficiais comunistas controladores do CCPA, telefona ao PR e informa-o da sua irreversível decisão de abandonar os cargos.

Ao fim da noite de 02Ago75 regressa a Lisboa.

Na tarde de 04Ago75, é recebido no Palácio de Belém pelo PR general Costa Gomes e no final da audiência, entre outras coisas diz-lhe textualmente: «*Vou para a Pedreira a minha aldeia natal e por lá ficarei até saber quem é que manda nesta merda toda*».

À saída da audiência faz breve declaração aos jornalistas, parcialmente transmitida no telejornal dessa noite e reproduzida nos matutinos do dia seguinte.

Em 05Ago75 é recebido no Palácio das Necessidades pelo MNE major Melo Antunes, depois dirige-se ao EMFA onde é recebido pelo CEMFA general graduado Morais da Silva; e finalmente no Palácio das Laranjeiras, é recebido pelo ex-MCI Almeida Santos.

Na 6ª feira 08Ago75, viaja com a família para a sua aldeia de Pedreira:

– «*No percurso que fiz com a família de Lisboa para Tomar, ainda dentro da povoação da Chamusca me vi encurralado numa enorme fila de viaturas que se movia a passo de caracol. [...] Cerca de uma hora mais tarde, tendo percorrido não mais de dois quilómetros, deparei com uma barreira duns indivíduos à civil mas armados. Dois deles abeiraram-se do carro e disseram-me para abrir o porta-bagagens. [...] “Com que autoridade é que me ordenavam que abrisse a mala do carro?”. “Com a autoridade revolucionária”, respondeu um deles. Numa voz firme declarei: “Sou general da Força Aérea, acabo de chegar de Angola, vou visitar os meus pais a Tomar e não pretendo atrasar-me”. Prossegui e nada aconteceu*».

Em 10Set75 é promovido a general, cumprindo depois na FAP «*várias funções*».

Pós-26Nov75 é nomeado sub-CEMFA.

– «*A convite dos respectivos governos desloquei-me aos EUA e RFA, permanecendo três dias em Washington e outros tantos em Bona. Em ambos os lados havia um enorme interesse em conhecer, não só a realidade angolana e previsível evolução, como da conjuntura de toda a África Austral. Quiseram ouvir e discutir com alguém que durante muitos anos vivera intensamente essa problemática. Curiosamente em nosso Portugal só um homem, que dava pelo nome de Sá Carneiro, me procurou. Tivemos vários encontros nos quais pretendeu conhecer o que de facto se passara em Angola e, até certo ponto, arrastar-me para o desempenho político. Aqui e com toda a clareza informei ser um campo onde tinha ficado totalmente vacinado*».

Em 1977 é nomeado comandante operacional da FAP.

Em 1981 segue para os Açores, como comandante-chefe das FA's no arquipélago.

Em 1984-86 é director do Instituto de Altos Estudos da FAP.

Em 07Jan87 é promovido a general de quatro estrelas, sendo nomeado presidente do STM.

Em 03Fev91, passa à situação de reforma; não sem antes “lavrar sentença” sobre a situação militar do ex-tenente-coronel Maggiolo Gouveia (que no final de 75 em Aileu, havia sido fuzilado pela Fretilin).

E em 11Nov2000, publica «*Angola, Autópsia de uma Tragédia*».

fontes:

– [António da Silva Cardoso](#) (op.cit; Oficina do Livro, 695 págs; 1ªed. Lisboa Nov2000)

– Manuel Amaro Bernardo (“Equívocos e Realidades (Portugal 1974-1975)”, 2 vols; Nova Arrancada, 1011 págs; 1ªed. Lisboa Mar1999)